

PENSAR SENSações PARA SENTIR PENSAMENTOS

DESLOCAMENTOS DE UMA AUTOETNOGRAFIA

Wolney Fernandes de Oliveira

Faculdade de Artes Visuais/FAV-UFG

Resumo

Este trabalho busca delinear novos olhares e sentidos sobre minha trajetória acadêmica e sobre como ela se conecta, sob os princípios da autoetnografia, com uma rede subjetiva tecida nos diversos contextos cotidianos, possibilitando e potencializando outras esferas como espaços geradores de conhecimentos estéticos, artísticos e culturais.

Palavras chaves: autoetnografia, visualidades, aprendizagem estética.

Abstract

This work aims at delineate new glances and senses about my own academic path and about how it is linked, based upon the principles of autoethnography, with a subjective network weaved in the various daily contexts. Such process may potentize other spheres as spaces where aesthetic, artistic and cultural knowledge may be developed.

Key-words: autoethnography, visualities, aesthetic learning

Este texto apresenta uma reflexão sobre alguns princípios e deslocamentos propostos pela pesquisa autoetnográfica, utilizando para este fim, minha experiência como pesquisador durante uma investigação realizada no programa de pós-graduação – Mestrado em Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (2007-2009). Na pesquisa, entre conflitos e diálogos, busquei delinear novos olhares e sentidos sobre minha própria vivência e sobre como ela se conectava com outras experiências compartilhadas em torno do imaginário que move o dia-a-dia de minha cidade natal. Lagolândia¹ é um vilarejo com pouco mais de 300 habitantes, escondido no coração de Goiás, abraçado por um rio e que carrega uma infinidade de narrativas sobre os feitos e desfeitos de “Santa Dica”, líder religiosa e política que, nas primeiras décadas do século XX, liderou na região um movimento aos moldes do messianismo, ocorrido também em várias outras regiões do Brasil.

Durante meu percurso acadêmico - da graduação ao mestrado - fui provocado a investigar as imagens contidas nas histórias contadas na minha cidade sobre esta mulher, para entender o papel que estas visualidades assumiam na concepção e nas visões de mundo de seus vários atores, me incluindo como um deles. Minha experiência como morador daquele lugar

guarda os traços de uma complexa elaboração sistêmica, dinâmica e horizontal e não poderia ser ignorada durante as etapas da pesquisa.

Desse modo, ao inverter o papel tradicional do etnógrafo que deixa sua casa para estudar e registrar a vida dos outros, meu papel como autoetnógrafo, que retornou e reconsiderou o próprio ambiente como lugar de uma experiência preta de significados culturais, diluiu as fronteiras entre objetividade e subjetividade (VERSIANI, 2005) e revelou substratos mais complexos e variáveis dentro do contexto de uma investigação etnográfica. Essa diluição fez emergir, no processo, uma espécie de rizoma que “reúne diferentes saberes em um sistema aberto de conhecimento em processo constante de criação e renovação. [...] Pois é interconhecimento, é reconhecimento, é autoconhecimento” (SANTOS, 2006, p. 157).

“Vou me encontrar longe do meu lugar.”²

Muito do trabalho de pensar sobre nós mesmos e o mundo em que vivemos é feito através de recordação e do contar histórias. Grande parte da experiência humana é organizada em universos de sentido e transmitidos às novas gerações pelas narrativas (LIMA, 2003).

Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma seqüência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Para narrar-se é preciso antes ter se tornado calculável e situado dentro de um certo tempo histórico. Ao contar histórias sobre si e os sentidos que adquire, dá-se ao sujeito uma identidade no tempo e a chance de atuar como protagonista de sua própria saga. É um exercício existencial, pois coloca os motivos da vida concreta comprometidos com a elaboração de significados. Esta construção está enraizada no conjunto de conhecimentos e crenças pessoais, no gosto particular, na aproximação afetiva, no livre arbítrio, no senso comum, na tentativa de compreensão do mundo, da natureza, etc.

Eu sou um contador de histórias. Muitas delas eu vivi, algumas eu ouvi e outras tantas eu desenhei. Minha experiência como ilustrador e designer gráfico atua como mediadora no entendimento que faço do mundo e de suas relações. Através das histórias que eu conto e rabisco sobre minha cidade, sou

sempre impelido a fazer uma imersão e um estranhamento a partir de um outro local, que ultrapassa os limites de quem é apenas morador de Lagolândia.

Por esta razão, esse tipo de estranhamento só começou a se evidenciar depois que me mudei do vilarejo. Em 1997, minha mudança para a capital goiana trouxe junto com o distanciamento geográfico um novo olhar sobre minha terra e, a partir daí, as histórias que faziam parte do meu cotidiano foram salpicadas com novos sentidos, diferentes daqueles experimentados na época de minha infância e juventude. “Vou me encontrar longe do meu lugar” – na canção de Milton Nascimento consigo vislumbrar o sentido deflagrado nesse processo de deslocamento.

Além do morador, há também o pesquisador e, entre os dois papéis está o “ato de conscientização que permite atribuir novos significados a fenômenos familiares” (BASTOS, 2005, p. 77). Firmado em bases pedagógicas do pensamento Freiriano, meu olhar externo provocou um reconhecimento que imprimiu novos significados a uma experiência de vida. Ao indagar sobre minha própria biografia e sua significação, aprendi sobre as forças que ampliam minha experiência, entre as quais está o mundo das imagens como parte de um universo simbólico que compartilho para compreender a mim mesmo. E aqui, a palavra compreensão se reveste de novos significados como interpretar, tomar consciência, dar novos sentidos.

Ao olhar Lagolândia de um outro lugar, os movimentos cotidianos tão conhecidos, se mostraram, concomitantemente, tão novos. Pela reconfiguração do meu olhar foi possível detectar como as imagens também mobilizam afetos e crenças, flexibilizando espaços e tempos. Esse caráter ambivalente fez com que minhas emoções transitassem num fluxo que abraçou as imagens conhecidas daquele vilarejo pela criação de novos sentidos, sem esgotá-los. Pelo contrário, ficou evidente que posso construir outra versão ou visão, a partir do que as imagens problematizam ou permitem contextualizar.

Esta abordagem me fez compreender as visualidades como cultura que nos condiciona, propõe visões e influenciam nossas ações. Esse entendimento apontou para uma constante desconfiança dos sistemas, regras e garantias, buscando enxergar entre elas uma relação de forças de poder sugerida pela cultura visual. Ao abordá-las e questioná-las passei a cartografar

lugares que, aos poucos, me esclareceram sobre meus próprios posicionamentos.

A cultura visual reconfigurou o papel das imagens no mundo contemporâneo. Realidade, hoje, “é inseparável das imagens e da ficção” (MARTINS, 2006, p. 6), uma vez que o mundo é fruto de variadas interpretações. Entender as imagens como uma elaboração complexa de sentidos propõe deslocamentos de conceitos que não obedecem a uma estrutura de causa-efeito. O contexto, a utilização e as circunstâncias históricas é que vão imprimindo significados mutantes à imagem. Sob a perspectiva da cultura visual, estamos sempre nos movimentando diante das práticas do ver. E é esse movimento que me faz mediador entre espaços e tempos variados provocando deslocamentos por meio de imbricações culturais interpessoais, ou encontros sociais, institucionais – incluindo as práticas educativas – pois tencionaram acessos, geraram novos “modos de ver”, produzir, divulgar e legitimar o conhecimento.

“Meus pensamentos são todos sensações”³

O ponto de partida para minha pesquisa foi minha experiência pessoal, mas ela se abriu no reconhecimento da experiência dos outros. Presumi ser necessário esse reconhecimento porque pressupunha refletir metodologicamente os processos de interação e negociação entre sujeitos, a começar pelo meu papel como pesquisador que passou a considerar também minha inclusão e participação nesses mesmos processos. Minha subjetividade é também construída na interatividade e na singularidade de uma trajetória intelectual e pessoal onde racionalidade e afetividade compõem juntas a grande motivação na elaboração de qualquer estudo.

Os debates estabelecidos pelos estudos culturais colocam os processos de subjetivação e construção das identidades culturais no centro, evidenciando a percepção de que a identidade no atual contexto contemporâneo constitui-se permanentemente em contato com a cultura circulante. No panorama multifacetado desse período atual, denominado de “pós-modernidade” ou até mesmo de “modernidade tardia”, as identidades perderam o caráter estável. Essa concepção me estimulou a investigar novas

estratégicas de pesquisa que foram delineando, aos poucos, os contrastes de minha “identidade aberta” na compreensão de que ela se constitui, substancialmente, a partir destes novos lugares\olhares sobre minha própria trajetória, pois

Se não contarmos nossas histórias a partir do lugar em que nos encontramos, elas serão narradas desde outros lugares, aprisionando-nos em posições, territórios e significados que poderão comprometer amplamente nossas possibilidades de desconstruir os saberes que justificam o controle, a regulação e o governo das pessoas que não habitam espaços culturais hegemônicos. (COSTA, 2002, p.93)

Perder o anonimato através das narrativas que me constituem me deixou mais atento em relação ao caráter transitório de minha identidade, ciente do seu valor e estimulado a reconhecê-la para cuidar das práticas culturais que a distingue. A relação entre identidade pessoal e cultural “procura expressar a situação de subjetividades pertencentes a minorias” (VERSIANI, 2005, p. 214). Ao assumir variadas versões de mim mesmo – o morador, o contador de histórias, o pesquisador, o designer – fui me movendo em diversas direções, por lugares simbólicos cujos terrenos não eram sedimentados, mas movediços. Essa movimentação ressalta a posição de sujeitos “que se encontram ao mesmo tempo dentro e fora do discurso dominante” (idem, p. 214).

Minha relação com meu “objeto” de pesquisa conduziu não somente ao desvelamento do “objeto”, mas também ao meu próprio. Isso só foi possível quando considerei o fato de que o desenvolvimento desse conhecimento ocorreu também por meio de motivações inconscientes. Por vezes, enveredou-se pelos meus desejos, mostrou-se nas minhas projeções pessoais, confirmou-se pela minha trajetória, entre outros fatores. Pesquisar de acordo com esse contexto pressupõe um olhar pautado em um jogo de relações e de interações dinâmicas e complexas. Meu papel como pesquisador, dentro deste intrincado contexto relacional, foi estar convenientemente e conscientemente à par dos deslocamentos para, à partir deles, desencadear novas reflexões.

Conhecimento se constrói a partir da heterogeneidade/pluralidade. Esse pensamento pós-estruturalista refuta um pensamento com pretensões universalistas. Para Silva (1999), o pós-estruturalismo amplia a centralidade da linguagem e afrouxa a rigidez estruturalista. O processo de significação continua central, mas a fixidez do significado é fluida e incerta. Por esta razão, a minha experiência com a pesquisa autoetnográfica me afastou do pensamento cartesiano e me alojou na poética de Fernando Pessoa ao assimilar, como todo o meu corpo, que “meus pensamentos são todas sensações” (PESSOA, 1998, p. 212).

Deixar a solidez das objetividades e mergulhar na fluidez paradoxal das subjetividades significa aproximar-se de uma posição epistemológica que não entende o conhecimento como uma representação única e precisa da realidade. “A complexidade não está nas coisas, no objeto, mas no olhar que lançamos sobre ele, no olhar do pesquisador, na maneira como o pesquisador constrói sua trajetória, na sua aproximação com a realidade a ser estudada.” (MARTINS, 2000, p. 60).

Posicionamentos e contextos vão sendo alterados e revelam variantes modos de percepção que cercam os vários papéis do pesquisador. Nesse contexto, firmo-me no conceito de multiplicidade visto aqui não somente como troca de máscaras de acordo com cada situação, mas também como complexidade e singularidade que se sobrepõem simultaneamente e vão cumulando papéis, identificações e sentimentos de pertença (VERSIANI, 2005). Os deslocamentos geográficos ou a contínua interação recíproca de identidades com outros *selves* vão constituindo o “eu consciente”, o “eu narrador”, etc.

Nessa perspectiva, recorri aos meus conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação dos fenômenos que estudei, em consonância com o conceito de autoetnografia utilizado, contemporaneamente, por Versiani

A partir do momento em que algumas perspectivas antropológicas retomam a questão do indivíduo e que a subjetividade do próprio antropólogo passa a ser discutida em sua relação com a construção do texto etnográfico (...) passam a predominar perspectivas teóricas-metodológicas que enfatizam a contextualização e a historicidade das produções culturais e nas

quais o autor e sua localização passam a ser compreendidos como dados de certo modo incontornáveis para a compreensão destas mesmas produções.(2005, p. 99-100).

Esse modelo revela um processo dialogal que adota uma nova relação de lugar entre o pesquisador e os atores sociais, tendo em vista uma co-construção de sentido, porque não se reduz somente ao processo de tomada de consciência e nem à análise construída pelo pesquisador. A dimensão interativa e dialógica possibilita apreender as memórias e histórias no sentido da experiência que é única e carregada de novos sentidos revelando, por vezes, experiências diferenciadas, mas fundadas diante de um mesmo fenômeno.

O rio é meu lugar

Meu papel de filho e morador de Lagolândia já não é mais o mesmo, pois se cruzou com o de pesquisador que procurou nos deslocamentos, a reconfiguração de um olhar que não é mais aquele de antes quando vivia na cidade. Nem lá, nem cá, mas ao mesmo tempo, aqui e lá. Tal movimento sugere, simultaneamente, a defesa de um espaço de exceção, expresso pela margem, e a inserção no entrelugar indicado pela referência a uma terceira margem. Dessa forma, apelo para o serviço da imaginação para fazer renascer na conclusão desse texto a obra de Guimarães Rosa⁴ que apresenta duas margens do rio descontinuadas por uma terceira, não paralela, mas intrusa, essencialmente metafórica.

E é do lugar ocupado por esta margem que me coloco. Situar-me na terceira margem, significa, portanto, “estar entre” duas coisas, o que sugere dimensões concretas e abstratas. Da fronteira posso estabelecer espaço e tempos próprios, diversos, em que os primeiros [espaços] abrigam o desencontro dos segundos [tempos]. Nesse sentido, a fronteira por onde transito torna-se espaço de mediação.

Ao usar a autoetnografia para alinhar minhas fontes de conhecimento na comunidade de Lagolândia ao aprendizado acadêmico, ressalto os vínculos possíveis entre ação comunitária e instituição educacional entendendo essa amarração como “lugar de resistência ao fornecer assuntos e

comportamentos que convidam ao diálogo crítico” (DANIEL, 2005, p. 131). Dessa forma, o contexto que envolveu meu processo de aprendizado fora das instâncias acadêmicas foi (re)considerado para enfatizar minha posição em relação ao mundo.

Como se caminhasse pelo leito de um rio, sigo, paradoxalmente, tentando me firmar na fluidez das águas nessa tentativa incerta de combinar ação e reflexão trançando uma abordagem que tenta superar algumas limitações geradas pelo formalismo metodológico exigido pela academia.

A pesquisa autoetnográfica vem apresentar a subjetividade como elemento essencial na construção de uma epistemologia múltipla e aberta. O que dá unidade a este caminho epistemológico, segundo Versiani, em todas as suas aplicações, é o fato de tratar-se de um conceito que busca a superação de dicotomias no processo de conhecimento.

Refletir sobre o meu papel como pesquisador como aquele que trança conhecimentos, me deslocou de maneira necessária ao reconhecimento do saber de outras pessoas. Ou seja, não lido mais com “objetos” de pesquisa, mas me relaciono com atores/participantes de um processo que segue por vias de mão dupla. Sigo numa alternância contínua de posições que vai revelando contextos variados e diferentes (re)construções. Sendo assim, deponho-me “do poder de falar pelos outros”, mas articulo minha reflexão sobre outro viés, “o de falar com os outros” (VERSIANI, 2005, p. 245).

Meu ponto de partida permanece no interesse em continuar contando as histórias que me constituem com a diluição e fluidez que são características desse processo autoetnográfico que não se espera sequencial e, muito menos, conclusivo. Por tantas vezes, este caráter diluído me pôs à prova, frente às articulações lineares e precisas que a academia exige, e que não é diferente agora, nesta fase pós-mestrado. No entanto, o que mudou foi a percepção de que, esta experiência pedagógica e estética, por ser vinculada a minha própria história, não exclui os códigos eruditos, mas dialoga com estes em pé de igualdade. Minha voz, minha escuta e meu fazer se reconhece nas vozes e nos fazeres de tantas pessoas que comigo habitam a terceira margem desse rio de possibilidades onde as “institucionalidades” não se apresentam como fim, mas como meios para triturar uma verdade em várias outras.

¹ O Distrito de Lagolândia está localizado no município de Pirenópolis, distante deste 37 km. Situado na microrregião Centro-norte ou Planalto. Pirenópolis ocupa uma área de 2.182 km². Limita-se com o municípios de Goianésia e Vila Propício ao Norte, Jaraguá, São Francisco e Petrolina à Oeste, Anápolis ao Sul e Abadiânia, Corumbá e Cocalzinho à Leste. Está distante 120 km de Goiânia, capital do Estado de Goiás. (Fonte: IBGE)

² Trecho da música "Caçador de Mim" - Composição: Luís Carlos Sá e Sérgio Magrão.

³ PESSOA, Fernando. Obra poética. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

⁴ ROSA, João Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Flávia M. C. Celebrando autorias: arte, comunidade e cotidiano em arte-educação. **Visualidades: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual**. Goiânia: v. 3, n. 1, p. 70-85, jan./jun. 2005.

COSTA, Marisa V. Novos olhares na pesquisa em educação. In: _____ (Org.) **Caminhos Investigativos. Novos olhares na pesquisa em educação**. 2^a Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DANIEL, Vesta. Componentes of the community act as sources of pedagogy. Tradução: Leda Guimarães. **Visualidades: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual**. Goiânia: v. 3, n. 1, p. 128-143, jan./jun. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 43^a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10^a edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LIMA, Nei Clara de. **Narrativas Oraís: uma poética da vida social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

MARTINS, J. B. **A abordagem multirreferencial: contribuições epistemológicas e metodológicas para o estudo dos fenômenos educativos**. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos. São Paulo, 2000.

MARTINS, R. Sobre textos e contextos da Cultura Visual. **Visualidades: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual**. Goiânia: v. 4, n. 1 e 2, p. 5-11, jan./jun., jul./dez. 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006 – (Coleção para um novo senso comum; v. 4).

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VERSIANI, Daniela B. **Autoetnografias – conceitos alternativos em construção**. Rio de Janeiro: 7letras, 2005.

Wolney Fernandes de Oliveira

Mestre em Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (2009), possui graduação em Artes Visuais com habilitação em Design Gráfico pela mesma instituição (2003). Atualmente desenvolve um trabalho de comunicação visual junto a instituições do Terceiro Setor e é professor orientador no curso de licenciatura em Artes Visuais da FAV-UFG – modalidade à distância.